

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Paula Engelman Astarita

**Incentivos e dificuldades vivenciados por  
atletas do futsal feminino universitário**

Porto Alegre  
2009

Paula Engelman Astarita

**Incentivos e dificuldades vivenciados por  
atletas do futsal feminino universitário**

Trabalho de Conclusão de Curso de  
Licenciatura em Educação Física - Escola  
de Educação Física da Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Silvana Vilodre  
Goellner

Porto Alegre

2009

## RESUMO

Esta pesquisa objetiva analisar os incentivos e as dificuldades vivenciados por atletas do futsal feminino universitário. Para tanto, foram entrevistadas quatro atletas da Equipe Universitária de Futsal Feminino da UFRGS, todas acadêmicas de Educação Física. A pesquisa apresenta um corte qualitativo tendo na entrevista semi-estruturada seu principal instrumento de captação de informação. A análise dos dados foi realizada a partir do diálogo entre os depoimentos das atletas com literatura específica sobre mulher e esporte. Identificamos que, das quatro (4) atletas entrevistadas, três (3) iniciaram sua prática esportiva em escolinhas de futsal, o que demonstra grande importância das escolinhas esportivas na iniciação esportiva de crianças. Todas as entrevistadas tiveram o apoio da família, comprovando o papel fundamental desta na vida dos filhos. As quatro entrevistadas começaram a praticar futsal ainda crianças em escolinhas e nas aulas de educação física. Como restrições, mencionam a existência de poucos campeonatos bem como algumas representações que dizem não ser o futsal uma modalidade indicada para as mulheres.

**Palavras chaves:** futsal feminino; esporte universitário; mulher e esporte

## **ABSTRACT**

The objective of this research is to analyze the incentives and difficulties that are faced by college soccer female athletes. Four athletes from the UFRGS's College Soccer Female Team were interviewed – they all study Physical Education. This qualitative research used a semi-structured interview as the main instrument to obtain information. The data was analyzed based on the dialog between the athlete's statements and specialized literature on women and sport. Three of the four interviewed athletes began to practice sports in specific soccer schools, which demonstrates that specific sport schools have great importance on children's sport initiation. All of the interviewed athletes have had support from their families, what proves that family plays a fundamental role in children's life. The four athletes began to practice soccer when they were very young in specific soccer schools and in physical education classes. As restrictions to the practice of this sport, they indicate that there are very few championships and that some representations declare that soccer is not a modality indicated for women.

**Key words:** female soccer; college soccer; women and sport

## Sumário

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>6</b>
<b>2 A MULHER E O ESPORTE</b> .....	<b>8</b>
2.1 Mulher e esporte no Brasil: o futebol feminino em cena .....	8
2.2 A história da equipe de futsal feminino da Universidade Federal do Rio Grande do Sul .....	16
<b>3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO</b> .....	<b>19</b>
<b>4 ANÁLISE DE RESULTADOS</b> .....	<b>20</b>
4.1 Incentivos .....	20
4.2 Início da prática do futsal .....	21
4.3 Fatores que dificultaram a permanência no futsal .....	21
4.4 Mulher <i>versus</i> esporte considerado masculino .....	22
4.5 O futsal universitário .....	24
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>26</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>27</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>29</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O futebol sempre foi considerado um esporte “para homens”. Entretanto, algumas mulheres vêm se aventurando a inserir-se nesse mundo considerado tipicamente masculino.

Diversas respostas já foram dadas para tentar explicar esse domínio masculino encontrado no futebol e que não é encontrado da mesma forma em outras modalidades esportivas. Segundo Franzini (2005 apud VENTURA e HIROTA, 2007, p.157) até poucos anos a mulher era restrita ao ambiente doméstico, sendo estereotipada como a “rainha do lar” e tendo que se dedicar aos filhos e ao marido, tendo que exercer o papel de “boa mãe” e de “boa esposa”. Enquanto o homem sempre foi visto com a imagem de força, resistência e coragem, à mulher era imposta a imagem de sensível, frágil.

Assim, como poderia a mulher, inserida nesse contexto, praticar o futebol, dito um esporte de contato e força, totalmente contrário ao ideal feminino construído a partir da ênfase na delicadeza?

O papel da mulher na sociedade vem se alterando com o passar do tempo, apesar de ainda não estar equivalente ao do homem. Se o papel da mulher já não é mais o mesmo que há alguns anos, por que nem tudo mudou? No campo do esporte, por exemplo, porque algumas modalidades não lhe são incentivadas?

Baseada nessa percepção, o objetivo dessa pesquisa é identificar os incentivos e as dificuldades no futsal feminino universitário. Para tanto, fizemos um recorte analítico optando por entrevistar atletas da equipe de Futsal Feminino da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que cursam a graduação em Educação Física. O critério para tal escolha foi a facilidade de acesso às informantes e sua disponibilização para colaborar com o estudo.

Para a realização da pesquisa, foi realizada uma entrevista com quatro atletas que fazem parte da Equipe de Futsal Feminino da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A análise dos depoimentos foi desenvolvida através do diálogo destes com a fundamentação teórica que sustenta a pesquisa, em especial no que respeita a mulher e esporte.

Por fim, a pesquisa justifica-se pela relevância do tema e pelos poucos estudos realizados no Brasil sobre mulheres atletas de futebol e de futsal. Considerando essa questão, creio que esse texto pode colaborar para dar

visibilidade às atletas que, muitas vezes, não são reconhecidas neste campo por ele ser representado, prioritariamente, como pertencente aos homens.

## 2 A MULHER E O ESPORTE

### 2.1 MULHER E ESPORTE NO BRASIL: O FUTEBOL FEMININO EM CENA

É um fato: o Brasil é representado como o país do futebol. Seja jogando ou como espectador (vale assistir em casa, no barzinho, no estádio...) a grande parte dos brasileiros é apaixonada pelo futebol. Uma paixão tão intensa que passa por cima da classe social, da política e da religião. Uma paixão que já dominou os corações de homens e mulheres, de crianças, jovens, senhores e senhoras. Mas infelizmente, nem sempre foi assim....

Houve épocas que inclusive os homens não tinham essa paixão pelo futebol. Segundo Lovisolo (et. al., 2006), o homem dependia do exército e do esporte (no caso do Brasil o futebol) para se firmar socialmente enquanto homem. Essas instituições eram então vistas como formadoras de atributos ligados à masculinidade. O autor comenta, ainda, que “nessas instituições os homens se tornariam disciplinados, decididos, persistentes, fortes, valorosos, capazes de agir em conjunto e vários outros qualificativos” (p.175).

Durante muito tempo em nossa história as mulheres foram proibidas de praticar qualquer modalidade esportiva ou atividade física. Nos séculos XVIII e XIX, segundo Pfister (2003), o homem inventou a ginástica e o esporte. De acordo com suas necessidades e ideais, criou as atividades e práticas esportivas. As mulheres e meninas eram praticamente banidas dos locais de práticas esportivas, podendo apenas admirar os atletas das laterais do campo.

No Brasil, no início do Século XIX, durante o período Imperial, a Educação Física não era incentivada às meninas. Em 1874 tentou-se introduzir a ginástica feminina nas escolas do Rio de Janeiro. As famílias reagiram proibindo suas filhas de praticar qualquer tipo de exercício ginástico. Houve, inclusive, alunas que se recusaram a estar presentes nessas aulas, que acabaram sendo suspensas (Knijnik, 2003).

Em 1881 Rui Barbosa promoveu a Reforma Geral do Ensino e, em 1882, deu seu parecer “entendendo que a ginástica deveria ser obrigatória para ambos os sexos” (Knijnik, 2003).

No final do século XIX quando Pierre de Fredy, conhecido como o Barão de Coubertin, se tornou o primeiro presidente do Comitê Olímpico, retomou a tradição



dos jogos de competição da Antiguidade e manifestou sua posição em relação à participação das mulheres nos Jogos. Segundo Welch e Costa o Barão

[...] via os jogos como festivais de esporte para os homens de todo o mundo, brancos e jovens de classe alta. A antiga exclusão que os gregos faziam das mulheres em seus festivais era totalmente aceita por Coubertin, o qual via os 'seus' jogos da era moderna como um meio de preparar os jovens rapazes franceses para o serviço militar, assim como para os papéis de liderança no governo e nos negócios. Tal postura colocava a participação feminina como irrelevante (Welch e Costa 1994 apud KNIJNIK, 2003, p.24).

Os autores trazem ainda que o Barão acreditava que “as mulheres perderiam seu charme feminino ao se engajarem em atividades extenuantes” (Welch e Costa, 1994, p.125 apud KNIJNIK, 2003, p.25).

Coubertin (1938) dizia também que

Technicamente as jogadoras de futebol ou as pugilistas que se tentou exhibir aqui e alli não apresentam interesse algum; serão sempre imitações imperfeitas. Nada se aprende vendo-as agir; [...] Talvez as mulheres compreenderão logo que esta tentativa não é proveitosa nem para seu encanto nem mesmo para sua saúde. De outro lado, entretanto, não deixa de ser interessante que a mulher possa tomar parte, em proporção bem grande, nos prazeres esportivos do seu marido e que a mãe possa dirigir inteligentemente a educação physica dos seus filhos (COUBERTIN, 1938 apud Goellner, 2005, p.144).

Assim, em 1896, nos I Jogos Olímpicos da Era Moderna, as mulheres foram proibidas de participar. Apesar da proibição, houve uma mulher que tentou se inscrever, porém, foi negada pela organização dos Jogos. Apesar da proibição ela correu a maratona e foi uma das primeiras mulheres a vencer as barreiras esportivas estabelecidas pelos homens (JAEGER, 2006). Sob muitos protestos, a mulher passou a fazer parte dos Jogos a partir de sua segunda edição, mesmo com opiniões contrárias à sua participação (GOELLNER, 2005).

Durante o século XIX e início do século XX, as atividades físicas recomendadas para ambos os sexos estavam inseridas em uma concepção higienista, ou seja, preocupações centradas na saúde. Para o homem o foco eram valores de virilidade, resistência para o trabalho, adestramento para o combate. Já para as mulheres o foco era para uma melhor e maior preparação para as funções de “mulher” (mãe e esposa), visto que essas funções exigiam boa saúde e

condições físicas e sendo a mulher vista como frágil e de condição física muito inferior a dos homens (Borges et. al., 2006).

Assim, a essa mulher, vista como sensível e frágil, não era muito recomendada a prática de atividades esportivas. Conforme explicita Knijnik (2003), neste campo a mulher deveria praticar apenas as atividades que preservassem sua beleza, fragilidade, maternidade entre outros atributos. Para o autor, à mulher era indicada a “missão” de “ser bela” e, conforme os valores de cada época, tudo que a afastasse disso deveria ser-lhe negado. Segundo Jaeger (2006), a fim de que a mulher pudesse manter sua feminilidade e manter seu corpo forte para a maternidade, a ela era sugerida a prática de atividades corporais que exigissem flexibilidade, agilidade e que tornassem seus gestos leves e suaves. O homem, para que fosse capaz de demonstrar masculinidade através da sua agressividade e coragem durante a prática esportiva, eram sugeridas atividades que demandassem o uso da força, velocidade, resistência e potência muscular.

Alguns autores também se manifestaram a favor da prática feminina de atividades físicas. Um dos “pais alemães” da ginástica para meninas, disse que

O aumento da força muscular vai proteger [meninas] das aflições da vida e das desordens físicas, já que a maioria das deformações da espinha é resultado de fraqueza muscular; sua beleza vai aumentar devido, primeiramente, ao desabrochar e arredondar de seus corpos delicados, que será fruto da sua boa saúde, e, em segundo lugar, à graça com que vão realizar os movimentos (PFISTER 1980, PFISTER 1990 apud Pfister 2003, p.11).

Um forte argumento para a proibição das mulheres nas disputas esportivas era o grande risco de provocarem a sua esterilização e virilização caso praticassem esportes. Médicos especialistas alegavam que o esporte comprometia a saúde e os órgãos reprodutores femininos (Ventura e Hirota, 2007). Pini (1983) contesta esse argumento dizendo que não possui nenhum fundamento científico, alegando que o útero e demais órgãos estão muito bem protegidos. O autor diz também que os órgãos genitais da mulher estão bem mais protegidos de algum choque externo do que os do homem, tornando o argumento inválido. Pini (1983) defende ainda que a mulher não perde sua feminilidade através da prática esportiva, anulando assim o argumento em relação a virilidade.

Por outro lado, o autor se posiciona contra a participação da mulher em algumas modalidades esportivas. Ele diz que “*poder participar* de todas as

modalidades esportivas praticadas pelo homem ela pode. Resta apenas sabermos *se deve fazê-lo*" (PINI, 1983, p.209). O autor acrescenta ainda que:

[...] a mulher *não deve* participar de modalidades esportivas como o rúgbi, o futebol, as lutas, além de outras, por exigirem condições especiais de treinamento e pelo enorme 'desgaste físico' que acarretam, além da violência dos contatos físicos que podem surgir no ardor das disputas (PINI, 1983, p.209).

Para concluir seus pensamentos e tentar validar seus argumentos, o autor conclui dizendo que "a mulher deve dedicar-se apenas às modalidades esportivas que favoreçam e exaltem sua beleza física, a delicadeza e a graça dos seus movimentos, bem como seu psiquismo e sua espiritualidade" (PINI, 1983, p.217).

Outra forma de manifestação contra a participação das mulheres nos esportes foi feita por General Newton Cavalcanti, em 1941, através do Decreto- Lei nº 3.199. O Conselho Nacional de Desportos (CND) oficializou a interdição das mulheres de modalidades esportivas como lutas, salto com vara, salto triplo, decatlo (GOELLNER, 2005). Durante a ditadura militar, em 1965, o CND criou uma Deliberação dando instruções às entidades desportivas do país sobre a prática de desportos pelas mulheres, conhecida como Deliberação – CND – Nº 7/65, a qual afirma que não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, rugby, halterofilismo e baseball.

O Conselho Nacional de Desportos só revogou este decreto em 1979.

No Arquivo da Escola Nacional de Educação Física podemos encontrar manifestações um tanto quanto irônicas como:

[...] várias atividades indicadas (para mulheres – NR) [...] e várias contra-indicadas: todas aquelas que condicionam muitos contatos pessoais, como o famigerado futebol feminino, inclusive o futebol de salão. É uma monstruosidade ver-se vinte mulheres, porque duas estão no gol, perseguindo desordenadamente uma bola em condições as mais antipáticas e desgraciosas (ARENO, 1962 apud Knijnik, 2003, p.57).

Enquanto uma grande quantidade de autores se manifestava contra a participação feminina em atividades esportivas (e em algumas modalidades especificamente), outros tentavam justificar, como é o caso de Reis e Votre quando dizem:

O futebol, no Brasil, vem acumulando longa história de exclusão da mulher e de produção de estereótipos sexistas relacionados às contratentativas femininas de inserir-se nele, pois segundo as crenças sociais, o futebol é um esporte que exige resistência viril e músculos fortes, que sem dúvida, demonstram um estereótipo atribuído ao jogador de futebol (REIS E VOTRE, 1996, apud Salles et. al., 1996, p. 80).

Outro fator que contribui muito para essa exclusão feminina vem de dentro de nossas casas. Influenciados pelos padrões sociais e culturais, pais educam seus filhos de forma que os meninos brincam na rua, ganham bonecos de guerra e jogam futebol enquanto as meninas ficam em casa, brincando de casinha e de boneca.

Afinal, quem decidiu que o futebol no Brasil é um esporte de domínio masculino e que a mulher não deve participar? Segundo Salles et. al. (1996) historicamente houve uma padronização das atitudes, gestos, comportamentos, movimentos e inclusive práticas esportivas diretamente relacionadas ao gênero masculino, sendo essas modalidades 'naturalmente' destinadas ao sexo masculino. Ballaryni (1940) diz que:

Quanto às qualidades morais que todos os esportes coletivos desenvolvem, achamos ser o futebol, pela sua natural violência, um exacerbador do espírito combativo e da agressividade, qualidades incompatíveis com o temperamento e o caráter feminino. [...] Assim, pelas razões acima expedidas, que envolvem matéria de ordem técnica é nossa opinião ser o futebol, para a mulher, anti-higiênico e contrário à natural inclinação da alma feminina (BALLARYNI, 1940 apud Goellner, 2005, p. 148).

Mesmo assim, no final da década de 70 os primeiros times de futebol feminino começaram a surgir. Segundo Salles et. al. (1996), em 1977 surge no Rio de Janeiro o Clube Federal, localizado no Leblon. Em 1982 surge o Esporte Clube Radar, clube que conquistou o terceiro lugar representando o Brasil no I Torneio Internacional de Futebol Feminino, realizado em 1988, na China, sendo essa apenas uma de várias conquistas do ECR. Este mesmo clube foi referência para a formação da seleção brasileira de 1991, que representou o país no Campeonato Mundial de Futebol Feminino.

Em um momento de tentativa de inserção do futebol feminino na sociedade brasileira, surgem mais obstáculos. Foi publicado na Gazeta Esportiva de 13/10/1982, que "A CBF permitiu a realização do jogo, no Morumbi, como espetáculo do Festival e não como competição. No ano seguinte, no jornal Última

Hora, de 10/01/83, em uma reportagem que tratava sobre a tentativa de impedir mais uma conquista feminina, o jornal publicou que “[...] a CBF proibiu rigorosamente que as jogadoras atuassem nos estádios oficiais, em 1981” (Salles et. al., 1996).

Só em 1983 que a prática do futsal feminino foi liberada no país. Assim, nesse mesmo ano a FIFUSA (Federação Internacional de Futebol de Salão), autorizou a prática da modalidade.

Alguns anos depois, em 1986, uma matéria publicada no “Jornal O Dia”, do Rio de Janeiro dizia:

Se você ainda acredita que o futebol é jogo só para homem pode ir colocando sua barba de molho. Pois, a III Taça Brasil de Futebol Feminino provou que isso é coisa do passado. Agora os campos são mesmo das mulheres que pisam o gramado e dominam uma bola com a segurança de um profissional. E foi assim, que o Radar sagrou-se Tricampeão Brasileiro<sup>13</sup>. Boas também de bola – Elas não têm preconceito e muito menos defendem a tese de que futebol é para homem. Por isto, as meninas do Radar continuam faturando títulos, e ontem, na Ilha do Governador, conquistaram, pela terceira vez, a Taça Brasil de futebol feminino, ao vencerem por 3x0 o time do Internacional, de Porto Alegre. Os gols foram marcados por Cenira (2) e Roseli, todos com muito charme e o tão conhecido toque feminino (MOURÃO E MOREL, 2005, p.80).

Nas últimas décadas, algumas portas do mundo esportivo se abriram para as mulheres brasileiras. Nos Jogos Olímpicos, por exemplo, de uma presença feminina na delegação brasileira de praticamente de 0% nas primeiras edições dos Jogos para uma participação de 50% na edição em Pequim, no ano de 2008<sup>1</sup>.

Mesmo que o mundo esportivo ainda seja predominantemente masculino, as mulheres, mesmo que ainda em minoria, vêm conquistando seus espaços aos poucos. Segundo Pfister (2003), esportes como o boxe, o futebol, o salto com esqui, até então classificados como “esportes masculinos”, já estão tendo a presença feminina.

Apesar da crescente participação feminina nos esportes de competição, elas ainda estão submetidas a padrões e modelos de comportamento relacionados ao seu corpo e sexualidade.

---

<sup>1</sup> Dados disponíveis em [www.cob.org.br](http://www.cob.org.br)

Esses estereótipos estão diretamente relacionados à influência da mídia, que acaba destacando esses aspectos ao invés de destacar os aspectos do rendimento esportivo das atletas (Souza e Knijnik, 2007).

Na década de 90, a mídia passa a publicar matérias relacionando a beleza feminina ao futebol, criando certa desconfiança sobre as “habilidades futebolísticas” das mulheres. Podemos perceber na reportagem publicada em 1990 no jornal “Hoje em Dia”, de Belo Horizonte:

Cariocas conquistam os mineiros – Elas driblam, matam a bola no peito, caem, se machucam, mas não se esquecem do lado feminino. Assim é o time de futebol de salão do Country/Poquet, do Rio de Janeiro, formado por garotas bonitas e boas de bola. Sem perder a pose de atletas, elas entram em quadra “produzidas”, ouvindo logo um comentário: ‘Bonitas desse jeito, será que elas jogam futebol?’ (MOURÃO E MOUREL, 2005, p. 81).

Algumas manchetes de jornais e revistas brasileiros mostram como a mídia tem um grande poder de manipulação da opinião pública: “O futebol depois da louça lavada” (Jornal do Brasil, 29/11/76); “Mesa tirada, rumo à praia para o futebol” (O Globo, 11/04/76); “Elas namoram, estudam e ainda jogam futebol” (Ih Revista, 31/10/81); “Pretinha: só faltou ser menino” (Jornal dos Sports, 16/03/93) (Salles et. al., 1996).

Em 2001 houve a reedição do Paulistana, campeonato paulista de futebol feminino. Para participar, as atletas

precisavam cumprir algumas condições estéticas, pois os dirigentes da FPF prometiam literalmente um campeonato bom e bonito, que unisse o “futebol à feminilidade”. Assim, por exemplo, atletas de cabelos raspados foram barradas - a preferência era por moças de cabelos compridos; também havia um componente etário nas pré-condições, as atletas não poderiam ter mais de 23 anos para jogarem, provavelmente pelo fato das imagens das mais novas serem mais facilmente erotizáveis na mídia em geral (KNIJNIK & VASCONCELLOS, 2003 apud GOELLNER, 2005, p.147).

E não são apenas as atletas que, na opinião masculina, chamam mais a atenção pela sua beleza e sensualidade do que pelo seu desempenho e qualidades esportivas. Diogo Oliver escreveu, em sua matéria intitulada “Uma celebridade do apito”, publicada no Jornal Zero Hora em 2005, sobre a auxiliar de arbitragem Ana Paula de Oliveira:

O fato é que, de um jeito ou de outro, todos queriam ver a bandeirinha de perto em trajes sociais. Nas mesas, os homens discutiam se ela ficava melhor de cabelo preso e rabo-de-cavalo, como nos gramados, ou de madeixas soltas, como ontem (GOELLNER, 2005, p. 150).

Para alguns, a beleza das atletas e a erotização de seus corpos é quase que necessária, visto que:

[...] se as moças forem atraentes, atrairão público aos estádios e, portanto, ampliarão os recursos captados com os jogos, propagandas, produtos e serviços a girar em torno da modalidade. Atrairão, sobretudo, patrocinadores, cuja ausência é comumente apontada pela mídia esportiva como um dos grandes problemas do futebol feminino no Brasil. (GOELLNER, 2005, p. 147)

Segundo Souza e Knijnik (2007), a mídia enfatiza os estereótipos que reforçam as desigualdades entre gêneros e coloca a mulher em posições submissas.

Cláudia Mattos critica esses estereótipos em sua reportagem sobre “músculos, suor e beleza no terreno dos machões”, publicada no jornal “O Globo”, em 1995, e defende a relação entre força, beleza e esporte. Ela questiona dizendo:

Será que ainda há gente que acredita que músculos e beleza são inversamente proporcionais, ou então que determinados esportes são incompatíveis com feminilidade? [...] se esta espécie ainda sobrevive neste fim de século, é bom dar um passeio pelas academias e quadras de esporte na cidade para pôr fim, de vez, a estes preconceitos (MOURÃO E MOREL, 2005, p. 82).

Porém, há esperanças. Assim como na sociedade, na qual a mulher lutou (e ainda luta) para se livrar dos papéis que lhe foram socialmente definidos, no esporte isso não é diferente (Borges et. al., 2006). Desde 1996, segundo Salles et. al. (1996), com a conquista do quarto lugar pela seleção feminina de futebol, muita coisa mudou em relação à afirmação da mulher nesta modalidade. Quatorze dias depois dos Jogos, em um artigo publicado no jornal O Globo, os autores dizem que:

Depois do sucesso de Pretinha e Cia, [...] as mulheres resolveram dizer não à antiga máxima que considera exclusivamente masculino o esporte mais popular do planeta [...] a tendência, agora, é de

crescimento da modalidade no país (NOGUEIRA et. al. apud Salles et. al., 1996, p.91).

O futebol feminino vem crescendo e conquistando uma maior aceitação da sociedade brasileira e dos admiradores de um bom futebol. Segundo Goellner (2005), se compararmos à década anterior, o número de mulheres praticantes de futebol em clubes, escolas e áreas de lazer aumentou consideravelmente. Em 2000, segundo dados da FIFA, havia 21.8 milhões de jogadoras de futebol. Neste mesmo ano, o Brasil contava com 36 mil jogadoras registradas, sem contar crianças e jogadoras ocasionais. Dessas 36 mil, 4 mil eram registradas em federações e 30 mil faziam parte de times amadores (Mulheres..., 2003, apud Goellner 2005, p.150). Em 2005 o Atlas do Esporte no Brasil publicou ser de 400 mil o número de mulheres jogadoras de futebol no Brasil (DA COSTA, 2005 apud Goellner, 2005, p. 151).

Porém, para Salles et. al. (1996), para um maior e mais rápido crescimento, o futebol feminino precisa dos mesmos fatores que impulsionaram o futebol masculino: investimentos financeiros, influência dos meios de comunicação, absorção da modalidade pelos grandes clubes, valorização profissional das praticantes.

Dentre as várias possibilidades de praticar o futebol encontramos o futsal, que apesar de resguardar regras e formas de jogar diferente do futebol, pode ser analisado com muita similaridade. Sem querer fazer essa distinção entre as duas modalidades, indico que, neste trabalho, optei por identificar os incentivos e as dificuldades vividas por mulheres universitárias atletas no futsal dado que a Universidade Federal do Rio grande do Sul possui um time que tem encontros sistemáticos e disputa competições de nível local e regional.

Passo, portanto, a descrever um pequeno histórico dessa equipe, pois as atletas entrevistadas dela participam.

## 2.2 A HISTÓRIA DA EQUIPE DE FUTSAL FEMININO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

A Equipe Universitária de futsal feminino da UFRGS nasceu em 1994, através do projeto de extensão criado pelo professor Rogério da Cunha Voser, quando então ocupava o cargo de professor substituto na disciplina de futsal fundamentos. Após o



termino de seu contrato e sua saída da Universidade, o projeto não teve continuidade.

Em 2007, quando retornou à UFRGS, desta vez como professor concursado, Rogério recomeçou o projeto que continua até hoje.

O projeto foi criado baseado em dois principais objetivos que ainda se mantém:

- Resgatar os alunos “amantes” do futsal que não tem oportunidade de treinar por alguns motivos, como: escassez de equipes profissionais no Rio Grande do Sul; não conseguir conciliar treino e estudos na universidade;

- Criar uma espécie de laboratório de ensino- aprendizagem de modo a possibilitar experiências significativas aos alunos da Educação Física da Escola de Educação Física, vivenciando diversas situações como treinador, preparador físico, treinador de goleiros, participação em jogos, análise e observação de jogos e treinos entre outros.

Em março de 2007 inicia-se, então, a formação da Equipe Universitária com seleção de atletas, início dos treinamentos e formação da comissão técnica. Neste mesmo ano, a equipe participou de alguns campeonatos e obteve ótimos resultados. Nos anos seguintes, 2008 e 2009, não foi diferente. Segue abaixo os campeonatos que a equipe participou e suas colocações:

#### Competições disputadas em 2007:

- 4º lugar no JUGs
- 2º lugar na Copa Unisinos
- 4º lugar no Municipal de Porto Alegre

#### Competições disputadas em 2008:

- 3º lugar no Torneio Astti
- 3º lugar no JUGs
- 2º lugar na Taça “Encontro do Esporte”
- 2º lugar na Taça “7 de setembro” da cidade de Alvorada
- 3º lugar na Copa Unisinos

Competições disputadas em 2009:

2º lugar no Torneio “Dia da mulher Alvorada 2009”

3º lugar no JUGs

Municipal de Porto Alegre – desclassificada nas quartas de final;

2º lugar na Copa Unisinos

??? Taça Agafusa

Participações especiais: programas de televisão (RBS Esporte - em 2007 e Encontro do Esporte-canal 20 em 2008).

Hoje a equipe é composta por 17 atletas, com idade variando entre 17 e 24 anos, de diferentes formações acadêmicas, tais como educação física, administração, biblioteconomia e engenharia elétrica. Os treinos acontecem segundas e quartas feiras, das 17h às 19 e aos sábados das 10h às 13h, sempre realizados no Ginásio 1 da Escola de Educação Física. Os treinos são conduzidos por dois alunos de graduação da Escola de Educação Física que, em alguns treinos, tem a ajuda de estagiários e alunos da disciplina de Futsal Avançadas. Os treinos são supervisionados pelo professor Rogério Voser.

Para identificar os incentivos e as dificuldades encontradas na sua vida esportiva para entrar e permanecer no futsal feminino, entrevistamos quatro atletas dessa equipe, todas alunas de graduação em Educação Física, conforme passo a descrever abaixo.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo apresenta um recorte qualitativo e busca identificar os incentivos e as dificuldades encontradas por atletas que adentraram o futsal feminino universitário. Para captação de informações foram realizadas entrevistas a partir de um roteiro pré-estabelecido com quatro atletas da Equipe Universitária de futsal feminino da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, todas alunas da graduação em Educação Física.

Por ser estudante da Escola de Educação Física, o contato com o time foi de forma fácil e rápida, visto que a comissão técnica da equipe é formada por alunos da graduação. O histórico da equipe, bem como os objetivos da sua criação, foram fornecidos pelo professor Rogério Voser, criador do projeto.

Em uma data marcada por um componente da comissão técnica, visitei um treino da equipe, expus a temática da pesquisa e convidei as atletas presentes a participarem das entrevistas. Após esse primeiro contato, foram marcadas as datas das entrevistas de acordo com a disponibilidade de horários de cada atleta.

As entrevistas foram realizadas na ESEF, entre os dias 27 de outubro e 5 de novembro. As atletas foram entrevistadas individualmente, sendo que todas as respostas foram registradas pela entrevistadora simultaneamente as respostas eram dadas. Foram entrevistadas quatro atletas a quem denomino Mariana (21), Fernanda (21), Maria (17) e Julia (18). Vale ressaltar que esses nomes são fictícios e, ao utilizá-los, busco preservar a identidade das colaboradoras do estudo.

Depois de realizadas as entrevistas, as respostas foram analisadas e colocadas em diálogo com a literatura específica sobre mulher e esporte, buscando maior consistência às análises empregadas. As entrevistas foram realizadas na ESEF, entre os dias 27 de outubro e 5 de novembro, de forma individual.

Cabe registrar que esses procedimentos foram aprovados pelo Comitê de Ética da UFRGS sob o número 2007711, através do projeto de pesquisa *Mulheres Atletas: o esporte como um espaço de visibilidade feminina* no qual esta pesquisa se insere.

## 4 ANÁLISE DE RESULTADOS

Analisando as respostas obtidas nas entrevistas, podemos perceber uma pequena variação na faixa etária das atletas, que fica entre 17 e 21 anos, com uma média de 19,25 anos. Todas as atletas entrevistadas são alunas do curso de graduação de Educação Física. O tempo de prática do futsal também varia muito pouco, ficando entre 7 e 13 anos, com uma média de 10,25 anos de prática. Pelo pouco tempo de existência da Equipe, já que foi reativada em 2007, o tempo de participação no time praticamente não varia, ficando entre ½ ano e 3 anos de envolvimento, com uma média de 1,6 anos de participação na Equipe Universitária. Das atletas entrevistadas, três (3) ingressaram na Equipe por convite do técnico, que já as conhecia, e uma (1) entrou pela aprovação no teste que é realizado a cada início de semestre.

### 4.1 INCENTIVO

Em relação ao incentivo que cada uma das entrevistadas teve para praticar o futsal (futebol), todas tiveram por parte de algum membro da família. Uma (1) teve o incentivo do avô, uma (1) da mãe, uma (1) foi incentivada pelo pai e uma (1) iniciou sozinha, sem incentivo, e após alguns anos foi também incentivada pelo pai. Segundo Hellstedt (1995 apud VILANI e SAMULSKI, 2002, p.9), a família é considerada como o ambiente social primário, onde o jovem pode desenvolver, por exemplo, sua identidade. Muitas vezes a carreira bem sucedida de um atleta pode estar relacionada à família pelo encorajamento, aquisição de valores e suporte necessário durante sua carreira.

Para Korsakas,

toda a prática esportiva oferecida às crianças e aos adolescentes é permeada por ações adultas – dos pais, dos dirigentes, dos professores, dos técnicos, dos árbitros; todos interferem de alguma forma nas experiências esportivas de seus participantes (Korsakas, 2002 apud VILANI e SAMULSKI, 2002, p.10).

Os autores Weinberg & Gould (2001) afirmam que:

Nos últimos anos, tem sido dada considerável atenção ao melhor entendimento e identificação do papel que os pais desempenham na

participação de crianças em esportes e atividades físicas (Weinberg e Gould, 2001 apud VILANI e SAMULSKI, 2002, p.11).

Complementando as idéias expostas pelos autores, Vilani e Samulski (2002) afirmam que os pais, através de suas atitudes, constituem parâmetros essenciais para o desenvolvimento da personalidade de seu filho e que são eles que irão constituir a maior influência para o ingresso da criança no esporte.

#### 4.2 INÍCIO DA PRÁTICA DO FUTSAL

As respostas para essa pergunta foram bastante semelhantes: Três (3) atletas entrevistadas iniciaram sua prática em escolinhas de futebol e, após alguns anos, passaram a praticar o futsal. Uma (1) iniciou jogando futsal na Educação Física escolar.

#### 4.3 FATORES QUE DIFICULTARAM A PERMANÊNCIA NO FUTSAL

Quando questionadas sobre a existência ou não de fatores que possam ter dificultado sua permanência no futsal, duas (2) atletas passaram dificuldade por não terem a aceitação da mãe em relação ao seu esporte de escolha. Destas duas, uma (1) levantou a questão da insatisfação da família pelo fato de, algumas vezes, ela não conseguir conciliar os treinos com os estudos. Para as outras duas (2) atletas, a dificuldade foi a falta de times de futsal feminino para poder treinar.

Juliana Ribeiro Cabral, zagueira da seleção brasileira feminina de futebol nas Olimpíadas de 2000 e 2004, também teve dificuldades para obter a aceitação da mãe para a prática do futebol. Em seu blog<sup>2</sup>, ela conta um pouco de sua história:

[...] Todo dia jogávamos na rua e minha mãe não gostava muito, porque depois de certo tempo, os meninos sempre vinham em casa me chamar para jogar. Minha mãe começou a brigar comigo e começou a me proibir, dizer que se eu jogasse, ela ia me dar uma surra.

---

<sup>2</sup> Blog <http://jucabralfut.blogspot.com/2009/07/comeca-hoje.html> de Juliana Ribeiro Cabral.

Quando chegava suada em casa para a minha mãe não me bater, meu irmão dizia que eu só apitava os jogos e foi assim até que um dia minha mãe percebeu que não tinha mais jeito. Como eu adorava jogar e meu pai me apoiava, minha mãe resolveu me levar em um teste que meu cunhado na época tinha visto no jornal. Passei no teste [...].

O mesmo aconteceu com Ghaya Ramalho da Motta Cruz, revelação da Escolinha do Flamengo convocada para a seleção brasileira sub-15:

Ela teve de lutar contra o preconceito da mãe, Deivide, que sempre considerou futebol coisa para homem. "Foi muito emocionante a convocação. Quero representar meu Estado da melhor forma possível. Outra oportunidade dessa não vai aparecer", vibra Ghaya, lembrando da época em que a mãe não a deixava jogar. "Sou apaixonada por futebol. Teve muita briga em casa porque via minhas amigas jogando e ela não me deixava ir". A mãe confessa. "Ficava meio com medo do mundo do futebol em si. Coisa de preconceito. Mas, depois, passou", garante (GAZETA ONLINE, 2009, s.p.).

Em relação aos poucos times femininos para a prática do esporte, Martha, em entrevista à revista *Época* disse que:

Os outros clubes deveriam seguir o exemplo do Santos e ter um time feminino. Poucos clubes de grande torcida mantêm equipes femininas. Os campeonatos são dominados por times de cidades pequenas, montados por abnegados (*ÉPOCA*, 2009, s.p.).

Através desses relatos percebemos como a falta de oportunidade e a escassez de equipes é um problema enfrentado não apenas por atletas amadoras e iniciantes, mas também por atletas profissionais que estão inseridas no esporte e tem o futebol como sua profissão.

#### 4.4 MULHER *versus* ESPORTE CONSIDERADO MASCULINO

Muitos foram os temas trazidos nas respostas das entrevistadas. Mariana (21), quando questionada sobre como vê a mulher praticando um futebol considerado masculino, relatou: "Acho tranquilo. Nunca passei por preconceito, mas

ele existe. A mídia facilita e hoje já é mais aceito por causa do futebol de campo com, por exemplo, as Olimpíadas e a criação da Copa do Brasil feminina.”

A fala da entrevistada se assemelha com a fala de Marta Vieira da Silva, atual jogadora do Santos e eleita duas vezes como a melhor jogadora do mundo. Em entrevista à Gazeta Esportiva, Marta diz:

O machismo está ficando mais distante. Atualmente, diminuiu o preconceito contra o futebol feminino e estamos trabalhando para dar o bom exemplo, aumentando ainda mais essa popularidade. Isso está acontecendo devido ao destaque que temos. Desde o título do Pan-americano, em 2007, até agora, crescemos muito e as pessoas que não conheciam o futebol feminino passaram a conhecer (GAZETA ESPORTIVA, 2009, s.p.).

Já Fernanda (21) diz que “É uma luta constante e todas sabem das dificuldades. São guerreiras! Se é difícil para os homens, é muito mais para as mulheres. As mulheres que praticam futebol/futsal são vitoriosas. Ter um lugar para a prática de futsal dentro da UFRGS é uma vitória, uma conquista”.

Quando questionada, Maria (17) relatou que sente orgulho de a mulher estar sempre evoluindo dentro do esporte.

Outro tema foi tratado por Julia (18). Para ela, “Existe muito preconceito e questionamentos em relação à sexualidade das meninas que jogam futsal. Há um estereótipo que a menina que joga futsal deve ser masculina e se surpreendem quando ela é feminina.”

A opinião de Julia (18) se assemelha muito a fala de Raquel da Silveira em relação a essa imagem estereotipada que se criou em relação à mulher jogadora de futsal:

[...] ter mulheres que possuam traços corporais e gestos próximos das características construídas social e historicamente como masculinas faz com que o futsal seja visto a partir de um rótulo que associa “jogar futebol - masculinização das mulheres - homossexualidade”. Rotular o universo do futebol feminino e seus derivados prejudica esses esportes, pois acentua a exclusão de mulheres que gostam de futebol e futsal, mas não são homossexuais; e dificulta a obtenção de patrocínios para as equipes femininas (SILVEIRA E STIGGER, 2008).

Afirmações como estas permitem ver que, mesmo no século XXI, o futsal e o futebol ainda não são modalidades esportivas plenamente incentivadas e aceitas para as mulheres como os depoimentos acima parecem indicar.

#### 4.5 O FUTSAL UNIVERSITÁRIO

Em relação ao futsal universitário, Mariana (21) relata que “Está sem incentivo. Tem um time que sempre ganha. Neste time as jogadoras ganham bolsa e às vezes desmotivam as atletas de outros times que não tem esse benefício. Tem times muito fracos e as finais dos campeonatos são sempre as mesmas equipes que disputam. Alguns times que existiam, hoje em dia não existem mais.”

Já para Fernanda (21), o futsal universitário “Vem crescendo muito. No último campeonato havia times novos. As universidades estão investindo em seus times. Acho que vem crescendo por causa da seleção de futebol feminino e pela persistência da mulher na inserção no esporte.”

Maria (17) tem uma fala muito semelhante a Fernanda. Para ela o futsal universitário “Vem crescendo bastante e melhorando o nível. Há um incentivo (bolsa) nas Universidades particulares. Com a divulgação, através das Olimpíadas, por exemplo, diminuiu o preconceito.”

Para Julia (18) o futsal universitário está “Muito forte e bem divulgado neste meio. Quase todas as universidades tem times e tem muito mais meninas que jogam hoje em dia. Mas falta divulgação do esporte em si.”

Em relação à falta de divulgação do futsal feminino, como relatou Julia (18), Goellner diz, em relação ao futebol feminino:

[...] são escassos os campeonatos, as contratações das atletas são efêmeras e, praticamente, inexistem políticas privadas e públicas direcionadas para o incentivo às meninas e mulheres que desejam praticar esse esporte, seja como participantes eventuais, seja como atletas de alto rendimento. Para além destas situações a mídia esportiva pouco espaço confere ao futebol feminino e quando o faz, geralmente, menciona não tanto os talentos esportivos das atletas, árbitras ou treinadoras mas a sua imagem e o seu comportamento (GOELLNER, 2005, p. 149).

A partir da fala das entrevistadas percebemos visões diferentes entre as atletas em relação ao futsal universitário. Enquanto uma vê o esporte totalmente



sem incentivo e com a queda na quantidade de times envolvidos em competições, outras vêm o esporte muito motivado e crescendo bastante no meio universitário.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa se propôs a analisar os incentivos e dificuldades vividas por atletas do futsal feminino universitário. Para tanto, fizemos um recorte analítico optando por entrevistar atletas da equipe de Futsal Feminino da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que cursam a graduação em Educação Física.

Para a realização da pesquisa, foi aplicado um questionário em forma de entrevista a meninas que fazem parte da Equipe de Futsal Feminino da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Através das análises das entrevistas, identificamos que todas as entrevistadas tiveram o apoio de algum familiar para a prática do futsal, comprovando o papel fundamental da família na vida dos filhos. As quatro entrevistadas começaram a praticar futsal ainda crianças em escolinhas e nas aulas de educação física. Das quatro (4) atletas entrevistadas, três (3) iniciaram sua prática esportiva em escolinhas de futsal, o que demonstra grande importância das escolinhas esportivas na iniciação esportiva de crianças. Como restrições indicam a existência de poucos campeonatos bem como algumas representações que indicam não ser o futsal uma modalidade indicada para as mulheres.

## REFERÊNCIAS

BORGES, Carlos Nazareno Ferreira, LOPES, Simone Magalhães, ALVES, Claudia Aleixo, ALVES, Fábio Padilha. **Resiliência: uma possibilidade de adesão e permanência na prática do futebol feminino**. In: Movimento Vol. 12, n. 1 (jan./abr. 2006), p. 105-131.

ÉPOCA. **Uma rainha sucede ao rei**. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI92744-15228,00-UMA+RAINHA+SUCEDER+AO+REI.html>> Acesso em 15 nov. 2009.

GAZETA ESPORTIVA. **Marta classifica jogo no Pacaembu como "histórico"**. Disponível em: <<http://esporte.ig.com.br/futebol/2009/10/17/marta+classifica+jogo+no+pacaembu+como+historico+8856943.html>> Acesso em 05 nov. 2009.

GAZETA ONLINE. **Futebol feminino: capixabas são convocadas para a seleção brasileira**. Disponível em: <<http://gazetaonline.globo.com/conteudo/2009/07/107107-futebol+feminino+capixabas+sao+convocadas+para+a+selecao+brasileira.html>> Acesso em 15 nov. 2009.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades**. In: Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 19, n.2, 2005, p. 143-151.

HIROTA, V. B.; TRAGUETA, V. A. **Verificação do clima motivacional em atletas femininas do futsal: Um estudo com o questionário de orientação para tarefa ou ego (Teosq)**. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, v. 6, p. 207-213, 2007. Disponível em: <[http://64.233.169.104/search?q=cache:egLa2GX6A54J:www.mackenzie.br/fileadmin/Editora/REMEF/Remef\\_6.3/Artigo\\_23.pdf+%22Verifica%C3%A7%C3%A3o+do+clima+motivacional+em+atletas+femininas+do+futsal%22&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=2&gl=br](http://64.233.169.104/search?q=cache:egLa2GX6A54J:www.mackenzie.br/fileadmin/Editora/REMEF/Remef_6.3/Artigo_23.pdf+%22Verifica%C3%A7%C3%A3o+do+clima+motivacional+em+atletas+femininas+do+futsal%22&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=2&gl=br)> Acesso em: 2 de julho de 2008.

HIROTA, V. B.; VENTURA, T. S. **Futebol e Salto Alto: Por Que Não?** Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, v. 6, p. 155-162, 2007. Disponível em: <[http://209.85.165.104/search?q=cache:zPKRtpq6dW4J:www4.mackenzie.br/fileadmin/Editora/REMEF/Remef\\_6.3/Artigo\\_17.pdf+%22Futebol+e+salto+alto:+Por+que+n%C3%A3o%3F%22&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=1&gl=br](http://209.85.165.104/search?q=cache:zPKRtpq6dW4J:www4.mackenzie.br/fileadmin/Editora/REMEF/Remef_6.3/Artigo_17.pdf+%22Futebol+e+salto+alto:+Por+que+n%C3%A3o%3F%22&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=1&gl=br)> Acesso em: 2 de julho de 2008.

JAEGER, Angelita Alice. **Gênero, Mulheres e Esporte**. Revista Movimento. Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 199-210, janeiro/abril de 2006.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. **A mulher brasileira e o esporte: seu corpo, sua história**. São Paulo: Mackenzie, 2003.

LOVISOLO, H. R.; SOARES, A. J.; BARTHOLO, T. L. . **Feministas, mulheres e esporte: questões metodológicas**. Revista Movimento. Porto Alegre, v. 12, p. 165-191, 2006.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. **As narrativas sobre o futebol feminino - O discurso da mídia impressa em campo**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, v. 26, n. 2, p. 73-86, jan. 2005

PFISTER, Gertrud. **Líderes femininas em organizações esportivas: tendências mundiais**. In: Movimento Vol. 9, n. 2 (maio/ago. 2003), p. 11-35

PINI, Mário Carvalho. **A mulher no esporte**. Fisiologia esportiva. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1983.

ROMERO, Elaine. **E agora, vão fotografar o quê? As mulheres no esporte de alto rendimento**. Labrys. Études féministes / Estudos feministas, Brasília, v. 8, p. 1-29, 2005. Disponível em: <<http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys8/perspectivas/elaine.htm>> Acesso em: 8 de julho de 2008.

SALLES, J. G. C.; SILVA, M.C.P. & COSTA, M.M. **A mulher e o futebol: significados históricos**. Em S., Votre (Coord.) A representação social da mulher na Educação Física e no esporte. Rio de Janeiro: Editora Central da UGF, 1996.

SILVEIRA, Raquel; STIGGER, Marco Paulo. **Esporte e Homossexualidade no Futsal Feminino: Um estudo etnográfico**. Duissertação de Mestrado. Programa de Pos-Graduação em Ciências do Movimento Humano, 2008.

SOUZA, Juliana Sturmer Soares; KNIJNIK, Jorge Dorfamn. **A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil**. Rev. bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo, v.21, n.1, p.35-48, jan./mar. 2007.

VILANI, L.H.P.; SAMULSKI, D.M. Família e esporte: uma revisão sobre a influência dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescentes. In Silami-Garcia, E.; Lemos, K.L.M. **Temas Atuais VII: Educação Física e Esportes**. Belo Horizonte: Editora Health, 2002. p. 09-26.

## **ANEXO A - ENTREVISTAS**

Nome: Mariana

Idade: 21

Há quanto tempo pratica futsal? Há 08 anos, desde os 13.

Como iniciou no futsal? Joga futebol desde os 07 anos. No colégio, como não tinha futebol, passou a praticar futsal pela prática e para participar de campeonatos.

E no time da UFRGS? Está no time da UFRGS desde 2007. Veio desde o primeiro treino, pois o coordenador do time era seu professor no colégio e a convidou para entrar na equipe.

Quem incentivou a prática? Avô

Houve fatores que dificultaram a permanência no futsal? Quais? Foi difícil ter a aceitação da mãe, que hoje já aceita.

Como vê o futsal universitário? Todo o futsal universitário está sem incentivo. Tem um time que sempre ganha. Neste time as jogadoras ganham bolsa e às vezes desmotivam as outras atletas. Tem times muito fracos e nas finais dos campeonatos são sempre as mesmas equipes. Alguns times que existiam hoje em dia não existem mais.

Como vê a mulher praticando um esporte considerado masculino? Acho tranquilo. Nunca passei por preconceito, mas ele existe. A mídia facilita e hoje já é mais aceito por causa do futebol de campo com, por exemplo, as Olimpíadas e a criação da Copa do Brasil feminina. Porém, o futsal ainda não é esporte olímpico.

---

Nome: Fernanda

Idade: 21

Há quanto tempo pratica futsal? Pratica há 10 anos.

Como iniciou no futsal? Jogava em escolinha de futebol que também tinha futsal. Começou a participar dos campeonatos de futsal.

E no time da UFRGS? Entrou em 2008/1, apesar de ter entrado na UFRGS em 2008/2. Conhecia o treinador e foi convidada.

Quem incentivou a prática? Mãe

Houve fatores que dificultaram a permanência no futsal? Quais? Sim. A falta de times para treinar. A escolinha que participava era de futebol de campo e não dava muita ênfase para o futsal.

Como vê o futsal universitário? Vem crescendo muito. No último campeonato havia times novos. As universidades estão investindo em seus times. Acha que vem

crescendo por causa da seleção de futebol feminino e pela persistência da mulher na inserção no esporte.

Como vê a mulher praticando um esporte considerado masculino? É uma luta constante e todas sabem das dificuldades. São guerreiras! Se é difícil para os homens, é muito mais para as mulheres. As mulheres que praticam futebol/futsal são vitoriosas. Ter um lugar para a prática de futsal dentro da UFRGS é uma vitória, uma conquista.

-----  
Nome: Maria

Idade: 17

Há quanto tempo pratica futsal? Há 11 anos.

Como iniciou no futsal? Iniciou jogando futebol em uma escolinha masculina perto de casa.

E no time da UFRGS? Entrou em 2009/1. Conhecia o treinador, pois era seu treinador no time de campo (pratica ambos).

Quem incentivou a prática? Começou por ela, porém o pai a fez continuar.

Houve fatores que dificultaram a permanência no futsal? Quais? Sim, a mãe não queria. Ela ainda briga. Era difícil conciliar treino e escola e havia muita cobrança da família em relação a isso.

Como vê o futsal universitário? Vem crescendo bastante e melhorando o nível. Há um incentivo (bolsa) nas Universidades particulares. Com a divulgação, através das Olimpíadas, por exemplo, diminuiu o preconceito.

Como vê a mulher praticando um esporte considerado masculino? Sente orgulho de a mulher estar sempre evoluindo dentro do esporte.

-----  
Nome: Julia

Idade: 18

Há quanto tempo pratica futsal? Há 7 anos.

Como iniciou no futsal? Jogava futsal na Educação Física e foi convidada por um professor que a viu jogando para entrar no time da escola.

E no time da UFRGS? Passou no teste e entrou em 2009/2.

Quem incentivou a prática (família, amigos, colegas)? Pai.

Houve fatores que dificultaram a permanência no futsal? Quais? Falta de times para treinar. Jogava em uma escolinha com meninos, mas a mãe não gostava e a tirou.

Como vê o futsal universitário? Muito forte e bem divulgado neste meio. Quase todas as universidades tem times e tem muito mais meninas que jogam hoje em dia. Mas falta divulgação do esporte em si.

Como vê a mulher praticando um esporte considerado masculino? Existe muito preconceito e questionamentos em relação à sexualidade das meninas que jogam futsal. Há um estereótipo que a menina que joga futsal deve ser masculina e se surpreendem quando ela é feminina.